

Medula: missão quase impossível

Só três entre milhões são compatíveis com os pacientes que precisam de transplante

Rodrigo Rainho

rodrigo.rainho@bomdiasorocaba.com.br

A sensação é de pura alegria e de dever cumprido. Alexandre Ferreira de Barros, 29 anos, operador financeiro, é um doador de medula óssea que salvou a vida de uma criança nordestina, doente de leucemia em estado grave. Exemplo de alguém que teve um simples gesto de caridade e fez a diferença.

Alexandre se cadastrou no Redome (Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea) em 2009, do Inca (Instituto Nacional do Câncer). “Doei meu sangue e, na época, aproveitei e fiz o cadastro. Uma pequena quantidade foi retirada pela veia para o teste de compatibilidade. Dias depois, soube que uma criança poderia receber

minha medula”, conta.

O doador afirma que não se arrepende “nem um pouco” do sacrifício para doar a medula. Ele disse que sentiu uma sensação de pancada nas costas quando a equipe médica extraiu o material biológico da sua bacia. E foi só. “No dia seguinte, eu já dirigia meu carro, de volta para casa”, comenta. “Tomei vitaminas e fiquei zerado de novo”, complementa.

Alexandre desfaz alguns mitos sobre a doação de medula óssea. “Não fiquei vulnerável às doenças, não fiquei frágil ou fraco. Não emagreci e não fiquei anêmico. Todos esses boatos são falsos mesmo.”

O depoimento do sorocabano é importante no contexto da doação de medula óssea na região: apenas três doadores a cada milhão de cadastrados são compatíveis.



Alexandre Barros, doador, salvou a vida de uma criança com leucemia



Nerli Peres, da Asa Morena

ONG chega aos 20 mil cadastrados

■ Para Nerli Peres, fundadora e diretora da ONG Asa Morena, o objetivo da entidade é “levar apoio, esclarecimento e, sobretudo, esperança àqueles que têm leucemia e outras patologias diretamente ligadas ao sangue, transformando a realidade de muitos que sofrem”.

Desde 2008, a Asa Morena abraça a bandeira da doação de medula óssea – promove campanhas e palestras para cadastrar doadores. “Houve um aumento de cadastrados em razão dos trabalhos de esclarecimento das organizações sociais nos últimos sete anos”, diz Nerli. “Cadastramos mais de 20 mil. Precisamos de mais”, complementa.

Médicos garantem que risco de doação é mínimo

Robenilson Souza e Helen Carnevale, do Centro de Hematologia, afirmam que procedimento é simples



Helen Carnevale e Robenilson Souza, médicos do Centro de Hematologia

Para o doador, o risco de ter problemas na retirada da medula óssea é mínimo.

É o que garantem os médicos Robenilson Souza e Helen Carnevale, do Centro de Hematologia de Sorocaba. “No processo de aférese, retira-se o sangue do doador pelas veias. Esse sangue é filtrado por um equipamento, que extrai as células-tronco do líquido. Essas células são as sementes que vão fabricar a medula óssea doente do paciente”, explica Robenilson.

Helen ressalta que no Centro

No Centro são feitos transplantes autólogo, onde o paciente é o seu próprio doador

de Hematologia são feitos transplantes de medula óssea do tipo autólogo – neste caso, o paciente é seu próprio doador. “Depois de o paciente completar as sessões de quimioterapia, as células-mãe da medula óssea são retiradas do próprio paciente, armazenadas e transfundidas após altas doses de quimioterapia que eliminam as células doentes e reconstituem a medula óssea”, detalha a médica.

Laudo entregue em 13 de julho indica que a estudante Luana Alves Ribeiro, 21, morreu em consequência de erros médicos, no Hospital de Base, em Rio Preto, no dia 4.

Ela estava submetida a preparativos para doar medula óssea a uma criança portadora de leucemia. A doação, em si, não provocou a morte da vítima.



Cadastro de doadores

A organização cadastra pelo site www.asamorena.org.br.

1.200 pessoas esperam transplante de medula óssea no Brasil, segundo dados do Instituto Nacional do Câncer

Caso raro

Em julho deste ano, a universitária Luana Neves Ribeiro, 21, morreu quando se preparava para doar medula óssea para ser transplantada em uma criança, em Rio Preto.